

# ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TERRITÓRIO ENQUANTO CONDIÇÃO PARA A EXISTÊNCIA DA PAISAGEM<sup>1</sup>.

**Reginaldo José de Souza<sup>2</sup>**

FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente

Bolsista CAPES

[reginaldgeo@hotmail.com](mailto:reginaldgeo@hotmail.com)

**Messias Modesto dos Passos**

FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente

[passos@stetnet.com.br](mailto:passos@stetnet.com.br)

## Resumo

Este texto trata de breves reflexões a respeito de formas renovadas de enfoque das categorias geográficas pertinentes ao desenrolar de nossa pesquisa. Em um primeiro momento, apresentamos os motivos pelos quais o território vem assumindo um papel cada vez mais central no âmbito do discurso geográfico, contribuindo de modo significativo para a evolução do pensamento em torno da disciplina como um todo. Perpassamos por reflexões em torno das elaborações teóricas de Claude Raffestin e Georges Bertrand que fazem referência a esta categoria e à paisagem e, por fim, tratamos da importância de se vislumbrar as relações dialéticas existentes por trás de uma paisagem.

**Palavras-chave:** Território, paisagem, modelo GTP.

---

<sup>1</sup> Texto resultante de reflexões no âmbito da disciplina “O tempo, o espaço e o território: uma questão de método”, ministrada pelo Prof. Dr. Marcos A. Saquet (UNIOESTE/PR) no Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente, no segundo semestre de 2007.

<sup>2</sup> Aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, nível Mestrado.

## **Introdução**

Desde o segundo semestre do ano de 2007 estamos trabalhando no desenvolvimento de nossa pesquisa sob o título geral “A Derivação Antropogênica da Paisagem na Raia Divisória São Paulo – Paraná – Mato Grosso do Sul: O Caso de Mirante do Paranapanema – SP”. Este trabalho se insere no âmbito de um projeto maior: “Dinâmicas Socioambientais, Desenvolvimento Local e Sustentabilidade na Raia Divisória São Paulo – Paraná – Mato Grosso do Sul”, coordenado pelo Prof. Dr. Messias Modesto dos Passos.

Nosso principal objetivo é realizar um levantamento das transformações paisagísticas que se sucederam no município em questão, a partir da análise integrada, baseada no modelo teórico de Georges Bertrand (GTP – Geossistema, Território e Paisagem), na intenção de elaborar diagnósticos e prognósticos dos impactos socioambientais na área de estudo.

No presente texto tentaremos estabelecer uma relação entre a importância da abordagem territorial para uma compreensão do conceito de paisagem. Isso se justifica pelo fato de nosso projeto de pesquisa versar especificamente sobre este último conceito, mas, para que tenhamos uma visão mais ampla a seu respeito, há necessidade de se buscar seus elementos explicativos na raiz de sua produção: o território.

As motivações para a elaboração deste exercício surgiram a partir da participação na disciplina “O tempo, o espaço e o território: uma questão de método”, de responsabilidade do Prof. Dr. Marcos Saquet (UNIOESTE/PR) no Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT-UNESP. Portanto, é importante salientar que não trataremos aqui do nosso recorte de estudos, mas sim, de reflexões exclusivamente teóricas que sejam interessantes ao desenrolar de nossa pesquisa.

## **Concepção Renovada de Território**

O território vem assumindo um papel cada vez mais central no âmbito do discurso geográfico, contribuindo de modo significativo para a evolução do pensamento em torno da disciplina como um todo.

Nas palavras de Dematteis:

[...] raciocinando como geógrafos sobre o conceito de território, podemos entender melhor muitos problemas que a geografia teve como ciência. De fato, as concepções territorialistas da geografia mais recente, absorvem e reelaboram as diferentes concepções da geografia do passado: como ciência da diferenciação do espaço terrestre, ciência das relações multiescalares entre o ambiente físico e a sociedade humana, ciência da paisagem e assim por diante. (DEMATTEIS, 2007, p.7)

Uma das preocupações mais recentes da Geografia é com a construção de uma conceitualização de território que leve em consideração a ação de seus atores, o ser humano em sociedade, promotor de transformações na via do sistema econômico, da política e estabelecimento de instituições. No bojo deste modo de repensar o território há, também, a necessidade de se incluir a natureza enquanto uma de suas partes integrantes, mas, evitando-se cair numa redução do conceito a ecossistemas regidos por leis naturais.

Cada vez mais se evidencia a complexidade deste conceito-chave para se alcançar a compreensão da dinâmica da sociedade, uma vez que esta materializa uma série de relações aprioristicamente subjetivas no espaço. É por meio do desejo de produzir e de viver que se emergem as relações intersubjetivas na tênue fronteira entre o pensar e o realizar a transformação da natureza.

Neste sentido o território nos é colocado como conteúdo, meio e processo (SAQUET, 2007) das relações sociais (alteridade) e das relações de exterioridade (homem-natureza), tela em que se desenvolve o tempo histórico e o tempo das simultaneidades.

Para que a Geografia seja capaz de dar conta do estudo do território, faz-se mister o enfoque na questão do tempo. Diante disso, consideramos relevante expor o pensamento de Santos que nos faz refletir a respeito de qual tempo, nós, geógrafos, devemos priorizar em nossas pesquisas:

[...] o tempo como sucessão, que é chamado tempo histórico, foi durante muito tempo considerado como uma base do estudo geográfico. Pode-se perguntar se é assim mesmo, se o estudo geográfico não é muito mais essa outra forma de ver o tempo da simultaneidade, pois não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja o mesmo para todos os homens. Pensamos que a simultaneidade dos diversos tempos sobre um pedaço da crosta da Terra é que seja o domínio propriamente dito da Geografia. Poderíamos mesmo dizer, com certa ênfase, talvez com algum exagero, que o tempo como sucessão é abstrato e o tempo como simultaneidade é o tempo concreto, já que é o tempo da vida de todos. (SANTOS, 1997, p.114)

Neste caso, estamos de pleno acordo com as idéias expostas pelo autor supracitado no que diz respeito às coexistências. As simultaneidades possibilitam diferentes temporalidades, isso significa que os atores sociais se apropriam do espaço por meio de territorialidades igualmente diversas. O território resulta, pois, de múltiplas determinações, inclusive temporais, que se desdobram em determinados lugares e geram inúmeras paisagens. Logo, subentendemos que, na realidade, não podemos priorizar um ou outro tempo se nosso objetivo é ter uma idéia ampla das ações responsáveis pelo retalhamento da superfície do planeta. Afinal, são as marcas históricas de uma sociedade que determinam sua dinâmica presente e futura e possibilitam (ou não) o estabelecimento das territorializações pelo espaço a fora.

### **Espaço, Território, Paisagem e Geossistema**

... Territorializações pelo espaço a fora. Bem, é importante ter em mente que o território é produzido a partir do espaço. Raffestin nos adverte que “espaço e território não são termos equivalentes” (1993, p.143) e salienta:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder.

Esta linha de raciocínio nos remete a uma comparação do espaço vislumbrado em Raffestin com o geossistema preconizado por Georges Bertrand em sua modelização da paisagem.

Le géosystème, volume qui s’inscrit dans les trois dimensions de l’espace, se définit par sa masse, c’est-à-dire par une certaine quantité de matière, et par une certaine énergie interne. On distingue trois types de composants :

- composants abiotiques (lithomasse, aéromasse, hydromasse) qui forment le géome ;
- composants biotiques, ou biomasse (phytomasse et zoomasse) que constituent le biome ;
- composants anthropiques.

Dans les interfaces apparaissent des composants de contact comme le sol ou comme les tranches d’aéromasse qui sont fortement influencées par la biomasse

(géohorizons forestiers). [...] L'intégration des éléments est ici d'origine conceptuelle et s'impose comme un a priori de l'analyse géosystémique. (BERTRAND, 2002, p.60)

Para Bertrand, o geossistema envolve valores ecológicos (relativamente estáveis) e, é o resultado da combinação de fatores geomorfológicos (natureza da rocha, formações superficiais, dinâmica das vertentes, etc.) e hidrológicos (lençol freático, pH das águas, período de ressecamento dos solos, etc.), contendo, também, a exploração biológica (neste caso, seu enfoque é para a vegetação, solo e fauna).

Neste sentido, o autor considera o estudo da paisagem como sendo de fundamental importância para a Geografia, mas, adverte que “paisagem” é um termo obsoleto, impreciso e de certa forma cômodo, variando o seu sentido de acordo com o uso que cada um lhe atribui (paisagem geomorfológica, paisagem vegetal, etc.). O problema é de ordem epistemológica e de carência metodológica na abordagem deste conceito (BERTRAND, 2002, p.5).

Rien n'est plus familier au géographe que la mosaïque changeante des paysages de la Terre. Rien n'est plus étranger à la méthode géographique que l'analyse globale de ces mêmes paysages... Analyser un paysage c'est poser un problème de méthode. Avant toute chose il faut élaborer l'outil de travail. (ib. id., 2002, p.1)

E, como resposta a essas questões de ordem epistemológica e metodológica (tanto no que diz respeito à construção da pesquisa científica quanto ao ensino da disciplina Geografia), Bertrand propõe uma forma de se classificar as unidades de paisagem e de entrada na questão ambiental de acordo com os princípios da análise integrada com base em um modelo teórico denominado GTP (Geossistema, Território e Paisagem). Neste o geossistema é vislumbrado enquanto:

Un concept hybridé. L'environnement est une notion trop vaste et trop floue pour se prêter directement à une analyse frontale et formelle du temps. Le géosystème nous fournit une « entrée », modeste mais opératoire. D'inspiration géographique, il se définit comme une combinaison spatialisée où interagissent des éléments abiotiques (roche, air, eau), des éléments biotiques (animaux, végétaux, sols) et des éléments anthropiques (impact des sociétés sur leur environnement matériel). (BERTRAND, 2002, p.258)

O Geossistema é a fonte (“source”), totalmente natural, permitindo a compreensão da estrutura e funcionamento biofísico de um espaço geográfico no decorrer do tempo, inclusive seus níveis de antropização.

Através do Território é que se tem a possibilidade de compreender as repercussões da organização e funcionamentos sociais sobre o espaço considerado. É o “ressource”, ou seja, o recurso que deixa de ser natural, pois, se trata de uma intervenção da sociedade (ação antrópica, mais especificamente) de acordo com seus objetivos e suas necessidades.

O “ressourcement”, isto é, a Paisagem, fornece as informações da sedimentação socioeconômica e cultural sobre o território.

Sendo assim,

Le temps du géosystème est celui de la nature anthropisée : c’est le temps de la source, des caractéristiques bio-physico-chimiques de son eau et ses rythmes hydrologiques.

Le temps du territoire est celui du social et de l’économique, du temps du marché au temps du « développement durable » : c’est le temps de la ressource, celui de la gestion, de la redistribution, de la pollution-dépollution.

Le temps du paysage est celui du culturel, du patrimoine, de l’identitaire et des représentations : c’est le temps du ressourcement, celui de la symbolique, du mythe et du rituel. (ib. id. 2002, p.263)

Voltando em Raffestin, temos que:

O espaço é, de certa forma, “dado” como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. “Local” de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. (RAFFESTIN, 1993, p.144)

Desta forma, ao compararmos as considerações apontadas sobre a elaboração teórica de Bertrand com a de Raffestin, notamos uma grande semelhança no que diz respeito à conceituação do território. E mais interessante é que, em ambas abordagens, há uma semelhança quanto à definição da paisagem, partindo-se sempre da dinâmica territorial como pré-condição para a sua existência. Fornecendo subsídios para nossa comparação, temos em Saquet (2007, p. 143) que “para Claude Raffestin, o território é fruto do processo histórico de transformação do espaço (antropização), principalmente econômica e politicamente”.

Procurando expor mais elementos que justifiquem a nossa preocupação com o debate sobre território acerca da Geografia - e como as reflexões que nascem deste debate acabam por nos influenciar em nossas pesquisas -, recorreremos novamente a Saquet em sua análise sobre a obra do geógrafo italiano Eugenio Turri, na qual:

[...] há elementos claros do método dialético, compreendendo o território como produto histórico, de mudanças e permanências; como projeção espacial, em um ambiente no qual se desenvolve uma sociedade. É uma apropriação social do ambiente; o ambiente construído, com múltiplas variáveis e relações recíprocas e unitárias. O homem age no território, espaço (natural e social) de seu habitar, produzir, viver objetiva e subjetivamente. O território é um espaço natural, social e historicamente organizado e produzido e a paisagem é o nível do visível e percebido deste processo. O território é chão, formas espaciais, relações sociais, e tem significados; produto de ações históricas (longa duração) que se concretizam em momentos distintos e superpostos, gerando diferentes paisagens. Há, no território: identidade e/ou enraizamento e conexões nos níveis nacional e internacional; heterogeneidade e unidade; natureza e sociedade; um processo histórico com definições territoriais específicas para cada organização social e o aparente, que corresponde à paisagem. (SAQUET, 2007, p.142)

Neste momento frisamos novamente a importância de se considerar o tempo das simultaneidades que proporciona as sincronias de territorialidades, as multiescalaridades tão fundamentais para um aprofundamento da análise territorial. Sem nos esquecer, conforme a proposta de Turri, de que o território é um espaço (natural e social) historicamente construído.

As abordagens podem apresentar limitações teóricas. Por exemplo, Saquet aponta para “uma limitação da abordagem de Raffestin (1993) [...] na sua compreensão do conceito de espaço geográfico. Entende o espaço como substrato, como palco pré-existente ao território [...]. Tem um conceito superficial, enquanto natureza-superfície, recursos naturais”. (SAQUET, 2006, p. 74)

As análises possuem, cada uma, suas particularidades. Consideram elementos de acordo com as posturas políticas e epistemológicas que variam de pesquisador para pesquisador. O importante é o enfoque dado ao território de uma forma renovada em um contexto de transformação do discurso sobre este conceito que vem adquirindo caráter cada vez mais central no âmbito da disciplina que estudamos e praticamos. Apesar das possíveis limitações que, eventualmente, podem apresentar, o importante é ter em mente que estes pesquisadores preocupados em propugnar visões mais abrangentes nos levam ao desejo de melhor trabalhar com o conceito território de modo a aprimorar a qualidade de nossos projetos de pesquisa.

Mesmo partindo para a elaboração de um trabalho que se encaminha muito mais para a discussão em torno do conceito de paisagem, é basilar estar em contato com a produção mais atual em torno do conceito de espaço e de território. Especialmente deste que, ao que tudo indica, é como se fosse uma “pré-condição” para a produção, construção, derivação da (s) paisagem (s). Diante do exposto, apresentaremos algumas breves considerações a respeito da paisagem na ciência geográfica, buscando acrescentar mais elementos na reflexão a respeito da conjugação desta com o território.

### **A paisagem: quadro dialético**

*“Sempre posso parar, olhar além da janela. Mas do interior do trem, nunca é fixa a paisagem. Os pés de ipê coloridos misturam-se às paredes de concreto e as paredes de concreto às ruazinhas de casas desbotadas e as ruazinhas de casas desbotadas às caras das lavadeiras na beira do rio, e dessa distância essas caras não são móveis nem vivas, mas sem feições, esculpidas em barro sob as trouxas brancas de roupa suja, e outra vez o roxo e o amarelo dos ipês e o marrom da terra e o bordô das buganvílias e o verde de uma farda militar atravessando os trilhos. Há um excesso de cores e de formas pelo mundo. E tudo vibra pulsátil, fremindo”. (Caio Fernando Abreu)*

A composição da paisagem se dá através de fenômenos de natureza diversa: naturais, sociais, econômicos, políticos, cósmicos, etc. Porém, devemos considerar que a paisagem:

[...] n’ est pas la simple addition d’éléments géographiques disparates. C’est, sur une certaine portion d’espace, le résultat de la combinaison dynamique, donc instable, d’éléments physiques, biologiques et anthropiques que en réagissant dialectiquement les uns sur les autres font du paysage un ensemble unique et indissociable en perpétuelle évolution. (BERTRAND, 2002, p.5)

Nesta concepção, devemos estudar a paisagem considerando a relação dialética entre os seus diversos elementos e o seu constante movimento de transformação no tempo e no espaço.

Passos nos mostra contribuições de autores diversos na abordagem da paisagem, tais como:

a) O. Dollfus:

A paisagem se define, isto é, ela se descreve e se explica partindo das formas, de sua morfologia (no sentido amplo). As formas resultam de dados do meio ambiente natural ou são as conseqüências da intervenção humana imprimindo sua marca sobre o espaço. (DOLLFUS, 1971 apud. PASSOS, 2000, p. 139)

## b) E. Juillard:

Desde longo tempo, uma das noções mais fecundas da Geografia é aquela das paisagens, isto é, uma combinação de traços físicos e humanos que dá a um território uma fisionomia própria, que o faz um conjunto senão uniforme, pelo menos caracterizado pela repetição habitual de certos traços. (JUILLARD, 1962, apud. PASSOS, 2000, p. 139)

## c) M. Sorre:

Os traços humanos das paisagens globais foram definidos... ao mesmo tempo por suas qualidades concretas, formas e cores, por sua posição e por sua área de extensão. Nós temos assim compreendido a que ponto estas duas noções, aquela de paisagem e aquela de região estão ligadas ao espírito do geógrafo. O espaço ocupado entra na definição da paisagem e a paisagem é característica de uma certa porção do espaço geográfico... Ele nos sensibiliza por seus atributos concretos. A força deste laço é tal que na Alemanha não se dissociam as duas noções exprimidas por uma mesma palavra, Landschaft. (SORRE, 1961 apud. PASSOS, 2000, p. 140).

## d) G. Rougerie:

É cômodo definir a Geografia como o estudo das paisagens... Mas a tarefa é audaciosa. Uma paisagem é um todo que percebemos por meio dos sentidos e, então, para o compreender, devemos desvendar todas as relações causais. (ROUGERIE, 1969 apud PASSOS, 2000, p. 140)

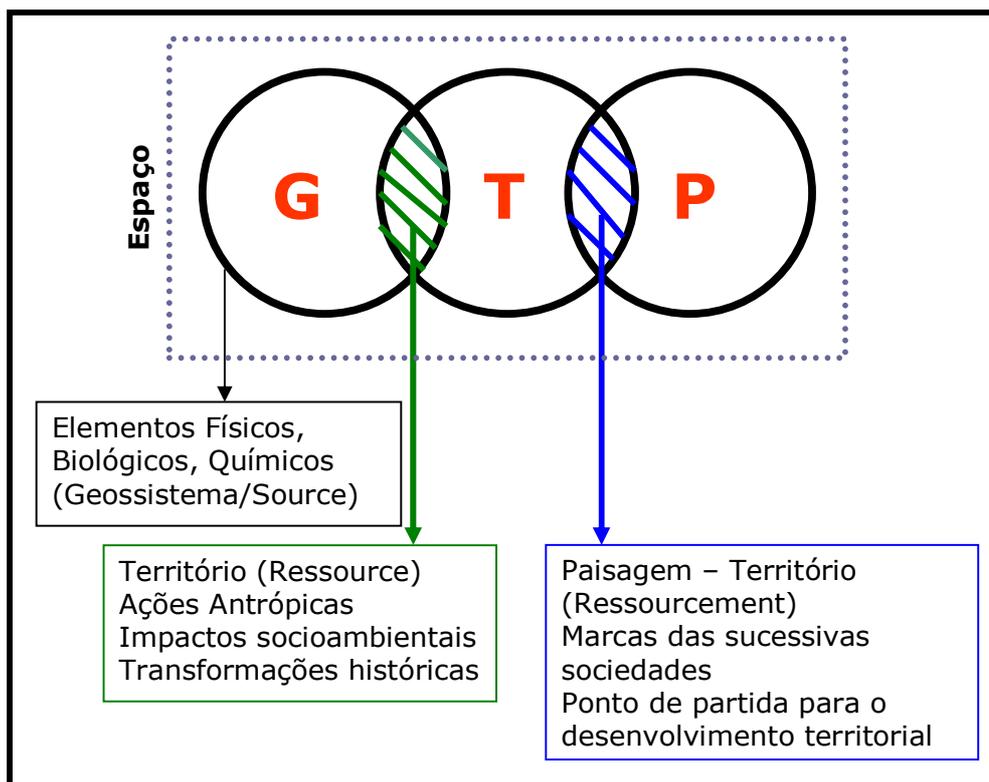
Percebe-se nas acepções supracitadas o destaque para a paisagem como resultado das interações entre os aspectos naturais e sociais, assim como nas abordagens territoriais. É interessante ressaltar a ênfase dada por Rougerie no sentido da compreensão das relações causais para alcançarmos a compreensão do todo – que é a paisagem -, ou seja, o nosso olhar não deve permanecer somente nas aparências; os aspectos essenciais, com toda certeza, devem ser relevados.

Portanto, a importância da abordagem paisagística está no fato de nos remeter a uma percepção direta da realidade geográfica; para tal, devemos considerar desde suas formas, ou seja, sua aparência visível, até os aspectos invisíveis, tendo-se em mente a relação dialética entre todos os seus elementos. Relação esta que, por sua vez, pode ser apreendida na via da compreensão da formação de um determinado território que gera uma determinada paisagem.

## Considerações Finais

A produção deste texto, bem como as discussões em sala de aula durante nossa participação na disciplina ministrada pelo Prof. Marcos Saquet, realmente nos possibilitou repensar as nossas pesquisas, no sentido de inserir-lhes abordagens conceituais de acordo as concepções renovadas das categorias geográficas.

O modelo bertrandiano GTP (Geossistema, Território e Paisagem) é muito pertinente ao desenvolvimento de nossa pesquisa no transcorrer do curso de Mestrado e, agora, temos um entendimento mais profundo das trocas dinâmicas entre as suas unidades. Que na verdade precisam ser vislumbradas, cada uma delas, em suas conexões com as outras. Desta forma, elaboramos o seguinte esquema representativo com finalidade didática:



Representação do Paradigma GTP, conforme a proposta de Georges Bertrand. (Fonte: BERTRAND, 2007. Org.: Reginaldo J. Souza)

Sendo assim, compreendemos cada um dos elementos do referido modelo teórico em suas inter-relações que conferem um sentido mais palpável para a nossa análise. O Geossistema

enquanto uma base natural para as ações que, em seguida, caracterizarão um Território de acordo com os interesses e necessidades da sociedade. Uma construção que se dará conforme o movimento histórico da mesma. E, emergindo do território, está a Paisagem, que pode ser encarada como um conjunto de formas herdadas das diferenciações que se estabelecem conforme as particularidades da relação entre o homem e a natureza ao longo do tempo (expressando a nossa simpatia com as idéias de Milton Santos). Paisagem cuja dinâmica está inextricavelmente ligada às múltiplas determinações que produzem *o e*, ao mesmo tempo, são produzidas *no* território. E toda essa dialética “intra/extra GTP” podemos chamar de dinâmica espacial.

### **Bibliografia**

BERTRAND, Georges. BERTRAND, Claude. **Une Géographie Traversière. L’environnement à Travers Territoires et Temporalités**. Paris : Éditions Arguments, 2002.

BERTRAND, G. Paysage et géographie physique globales: esquisse methodologique. **Révue de Géographie des Pyrenées et Sud-Ouest**. Toulouse, v.39, p.249-72, 1968.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. São Paulo: Perspectiva, 1978. pp.7-39

DEMATTEIS, Giuseppe. O Território: Uma Oportunidade para Repensar a Geografia. In: SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. pp.7-11.

DIAS, Janise. SANTOS, Leonardo. A paisagem e o geossistema como possibilidade de leitura da expressão do espaço sócio-ambiental rural. In: **Confins**, n.1, jun.. 2007, disponível em: <http://confins.revues.org/document10.html>. Acesso: 11/09/2007.

DIAS, Jailton. **A Construção da Paisagem na Raia Divisória São Paulo – Paraná – Mato Grosso do Sul: Um Estudo por Teledeteção**. Presidente Prudente: UNESP/FCT, 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, 2003.

HEGEL, G. W. F. A Verdade da Certeza de Si Mesmo. In: **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 2002. pp.135-171.

PASSOS, Messias M. **Biogeografia e Paisagem**. Programa de Mestrado-Doutorado em Geografia FCT-UNESP/ Campus de Presidente Prudente – SP. Programa de Mestrado em Geografia UEM – Maringá – PR, 1988.

\_\_\_\_\_. A Conceituação da Paisagem. In: **Formação**, Presidente Prudente, nº7, 2000. pp. 131-141.

- RAFFESTIN, Claude. O que é o Território? In: **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. pp.144-220.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_. A Dimensão Histórico-Temporal e a Noção de Totalidade em Geografia. In: **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo: Hucitec, 1997. pp.114-118.
- SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- \_\_\_\_\_. Proposições para Estudos Territoriais. In: **GEOgrafia**, ano VIII, n.15, 2006. pp.71-85.
- SCHIER, R. A. Trajetórias do Conceito de Paisagem na Geografia. In: **Revista RA'EGA**, Curitiba, n.7, p. 79-85, 2003. Editora UFPR.
- SILVA, Lenyra R. **A Natureza Contraditória do Espaço Geográfico**. São Paulo: Contexto, 1991.